



ISSN: 2176-5960
Προμηθεύς
Journal of Philosophy
n. 50, Janeiro-Abril 26



ANALOGIAS COM OS ANIMAIS NO *FÉDON* DE PLATÃO

ANALOGIES WITH ANIMALS WITHIN PLATO'S PHAEDO

Arthur Gabriel Sobreira

Universidade de Brasília

Gabriele Cornelli

Universidade de Brasília

RESUMO: O artigo a seguir pretende analisar algumas das analogias com animais que aparecem no diálogo *Fédon* de Platão. Essas analogias estão presentes em quase todos os diálogos platônicos e sempre com um objetivo específico. No *Fédon*, as analogias com os animais servem como argumentos em favor da imortalidade da alma, da existência e da possibilidade de relembrar as ideias. Ao utilizar a linguagem como ferramenta de construção da metafísica, Platão utiliza analogias com animais como termos proporcionais adequados ao alcance possível da verdade e à inteligibilidade das ideias no mundo tanto quanto como chaves que abrem as portas para a reminiscência na alma.

PALAVRAS-CHAVE: Analogia. Animais. Fédon. Platão.

ABSTRACT

ABSTRACT: The following article aims to analyze some of the analogies with animals found in Plato's dialogue *Phaedo*. These analogies are present in almost all Platonic dialogues, always with a specific purpose. In *Phaedo*, the analogies with animals serve as arguments in favor of the immortality of the soul, the existence of ideas, and the possibility of remembering them. By using language as a tool for constructing metaphysics, Plato makes his analogies with animals as proportional terms suited to the attainable truth and the intelligibility of ideas in the world, as well as keys that open the doors to recollection within the soul.

KEYWORDS: Analogy. Animals. Plato. Phaedo. Plato.

Considerações Iniciais

Toda a obra de Platão é um vasto bestiário, embora não seja o foco central de sua filosofia. Animais aparecem em alegorias, analogias e metáforas em quase todos os diálogos, reforçando argumentos ou ilustrando conceitos. Sócrates é retratado como diversos animais como cervo (*Chrm.* 155d), cegonha (*Alc.I* 135e), entre outros. Outras personagens também personificam analogias animais, como Trasímaco lobo (*R.* 336b) e Parmênides cavalo (*Prm.* 137a). (cf. BELL, J.; NAAS, M., 2015, p. 3). Além disso, essas analogias sustentam a filosofia platônica e reforçam a defesa do mestre injustamente condenado. A partir da linguagem, do diálogo dialético entre discursos verdadeiros e falsos, Platão usa as analogias com os animais como uma espécie de ferramenta para auxiliar a desenvolver os temas centrais de sua filosofia, desde a imortalidade da alma e as noções éticas, morais e políticas, epistemológicas, ontológicas e, portanto, metafísicas, até a hipótese da existência das ideias e a possibilidade de lembrá-las. No *Fedro*, a alma é um cocheiro com dois cavalos, um bom e outro mau (246b-248e); no *Mênon*, as virtudes são como abelhas, essência em comum apesar da pluralidade de exemplos (72a-73c); na *República*, filósofos e cidadãos se educam como chefes de enxames de abelhas (520a-c). Outros animais e personagens transformados em animais ao longo dos diálogos demonstram a importância desse recurso para a filosofia platônica, demonstrando fundamentos éticos, políticos, epistemológicos, ontológicos e metafísicos. O uso recorrente dessas figuras não é retórico ou aleatório, mas parte essencial da filosofia platônica. O pensamento platônico segue uma lógica analógica, evidenciada na articulação dos conceitos e discussões dos diálogos, mostrando seu papel central na compreensão do ser, do cosmos e do *logos* (MOORE, 2009, p. 21).

O livro *Plato's Animals: Gadflies, Horses, Swans, and Other Philosophical Beasts* (BELL; NAAS, 2015) reúne um índice quase completo das passagens do corpus platônico em que os animais aparecem, além de artigos que ressaltam e aprofundam sua importância. Em *We the Bird-Catchers* (EWEGEN, 2015, p. 79), destaca-se a

comparação de Sócrates com o cisne profético de Apolo no *Fédon*, mostrando um *logos* que vai além de proposições verdadeiras, requerendo interpretação para revelar a verdade que precede a razão. Heidi Northwood (2015, p. 13), em *Making Music with Aesop's Fables in the Phaedo*, examina paralelos entre Platão e Esopo, evidenciando a frequência de alusões a animais e a semelhança entre a reflexão crítica gerada pelas fábulas e as técnicas platônicas – mito, *elenkhos* e, sobretudo, analogia.

Citamos exemplos do *Fédon* porque o diálogo será foco de nossa análise. Além de Sócrates como cisne profético (83e; 85a-b), aparecem diversos animais: cavalos e sua beleza como exemplares múltiplos sensíveis que despertam reminiscência do igual em si a partir da dessemelhança (73e; 78e); burros e asnos como corpos destinados às almas viciosas (81e); abelhas, formigas e vespas, destinos felizes das almas que praticaram virtudes (82b); falcões, lobos e milhafres, para as almas dos que praticaram injustiça (82e); rouxinóis, andorinhas e poupas, como exemplos de aves que cantam sem sofrimento (84e); Sócrates como abelha que fere com o ferrão se permanecerem dúvidas (91c); juramentos “pelo cão” reforçando a verdade (98e); humanos proporcionais a formigas e sapos (109a-b); humanos proporcionalmente como formigas e sapos que vivem em torno d’água (109a-b); humanos como peixes contemplando o oceano (109c-109a); rios entrelaçados como serpentes (112d); olhos de Sócrates abertos como de touro (117b); um galo a ser pago pela promessa a Asclépio (118a). São muitas passagens com animais em um único diálogo, por isso não pretendemos esgotar o tema, e sim oferecer a contribuição de uma perspectiva inédita. Agrupar os animais por diálogo é uma escolha metodológica e temática, permitindo que a análise evidencie os pontos-chave da filosofia platônica. Assim, as analogias auxiliam na compreensão de temas gerais e específicos, como a existência das ideias, sua rememoração pela dialética e a defesa da imortalidade da alma.

No *Fédon* (84e-85b), Sócrates é comparado ao cisne para reforçar a imortalidade da alma e sua confiança numa vida melhor após a morte devido ao modo filosófico que viveu. Assim como o cisne canta antes de morrer, refletindo alegria e presciência divina dos bens porvindouros no Hades, Sócrates oferece seu “último canto” filosófico, um discurso apologético sobre sua forte crença na felicidade após morrer, ou seja, um discurso sobre as ideias e a alma imortal. O deus fala através do cisne assim como a palavra através da boca. O canto dos cisnes não resulta de dor, fome ou frio, mas da aproximação ao deus que servem. Analogamente, a palavra de Sócrates expressa

verdade e conhecimento mesmo diante da morte, mantendo sua serenidade e missão mântica (EWEGEN, 2015, p.85).

Filosofia da linguagem e semiótica

Há um paralelo entre as ideias platônicas e as *proposições* da filosofia da linguagem contemporânea. Ao ler palavras, não nos interessamos pelos sinais gráficos em si, mas pelo significado que transmitem. A ideia que buscamos *além dos códigos gráficos* que são usados para expressá-la é denominada de *proposição*, e não é uma entidade linguística¹. Assim, a proposição “o cachorro late” refere-se ao *conteúdo* da afirmação, não à frase ou ao objeto mundano. Proposições são abstratas e independentes da mente: “pássaro” designa o conceito, não o animal sensível. Diferentes frases em idiomas diversos podem expressar a mesma proposição, garantindo a comunicação pela identidade do conceito entre pessoas de culturas distintas. O paralelo entre ideias platônicas e proposições contemporâneas é tão relevante que, segundo Kirkham (2003, p.89), uma ajuda a compreender a outra. *Proposições* são entidades abstratas, conteúdos informacionais de sentenças declarativas, assim como ideias estão para predicados. Metaforicamente, ideias e proposições têm a mesma natureza de conteúdo, independentemente qual for. Diferente das sentenças, que são apenas coleções de casos particulares, a proposição existe mesmo que nunca seja expressa. Alguns estudiosos² sustentam que um *lógos* é parcialmente verdadeiro ou falso conforme suas partes — nomes e verbos — estejam corretamente aplicados. Na frase “Teeteto voa”, o nome “Teeteto” está correto, mas o verbo “voa” não; ainda assim, o *lógos* mantém significado. Entretanto, este trabalho entende que um *lógos* pode ter ambas as partes mal aplicadas e ser totalmente falso, mantendo significabilidade, pois a falsidade se refere à correspondência com os objetos, e a significabilidade à correta formação da frase. Platão distingue dois níveis da linguagem: o nomear, onde nomes e verbos indicam objetos, ações ou estados; e o *lógos*, onde ambos se combinam para afirmar algo sobre esses objetos. Um *lógos* é falso quando o objeto não possui a propriedade ou não realiza a ação indicada. Essa distinção levanta duas questões: se os objetos referidos existem e

¹ Cf. LOUX, Michael. *Methaphysics*. London and New York: Routledge, 1998, p. 132-164; Cf. LYCAN, William. *Philosophy of language*. London; New York: Routledge, 2001, p.80-87

² Cf. NUCHELMANS, 1973 p. 17; MCDOWELL, 1973 p. 235;

se os fatos afirmados correspondem à realidade. Mesmo que os objetos não existam, um *lógos* corretamente formado ainda possui significado (RIBEIRO, 2006, p. 124-125).

Todavia, este trabalho não pretende tratar a linguagem como disciplina filosófica, embora Platão tenha refletido sobre ela a ponto de antecipar distinções como *meaning* e *reference*, centrais na filosofia da linguagem moderna (ERLER, 2013, p. 194). O pensamento platônico é inteiramente analógico, antecipa e influencia o papel filosófico da analogia nas tradições subsequentes (MOORE, 2009, p. 9). Ao contrário do que muitos afirmam³, a linguagem tem eminente importância dentro do projeto filosófico de Platão. Optamos por uma interpretação a luz da semiótica que, ao contrário da linguística, tem como foco os sistemas de signos não-linguísticos, quer dizer, signos como artifícios mediadores entre o que eles significam e o significado que está para além deles. Porque, antes de tudo, para ser signo é preciso significar algo além de si próprio, sendo representativo, mas numa relação subordinada (DEELY, 1990, p. 35). Como as ideias de Platão, por exemplo: apesar de estas serem comunicadas linguisticamente através dos discursos verdadeiros e falsos, o sistema que lhes atribui significado está para além da linguagem, ainda que esta seja o meio usado para traduzi-las.

Da mesma forma se sucede com as analogias de Platão, uma vez que elas são um meio e não o fim em si: elas são um recurso linguístico que busca consolidar um ensino filosófico. Em outras palavras, um recurso que promove uma aproximação máxima entre a dimensão do sensível e a dimensão inteligível que contém a verdade e o conhecimento verdadeiro e de onde vem a alma imortal. A conclusão inevitável a qual somos levados é que para nos aproximarmos das ideias, portanto, precisamos de um discurso apropriado. Podemos afirmar que é como uma caça ao sofista onde a armadilha do discurso sobre ele deve ser tão adequada para captura-lo quanto um anzol para pegar um peixe. Para ilustrar isso, Platão compara metaforicamente os tipos de pescadores e cita qual deles é o sofista: aquele que pesca os jovens ricos e fere-os com o anzol de isca falsa que nada mais é senão os discursos falsos (*Sph.* 217b-222a). Mas o que o distingue do filósofo então? Abordaremos mais pormenorizadamente a questão no capítulo dois, mas de fato a resposta está no tipo de discurso que cada um faz.

Portanto, “o λόγος é o significado de uma afirmação constituída pela combinação de verbos e nomes e que pode ser verdadeira ou falsa”.

³ Cf MÉRIDIER, 1950, p. 30-33; OLIVEIRA, 1996, p.22

Isto nos leva a uma última observação. Como vimos, Platão afirmou que uma sentença é corretamente formada através da combinação de nomes e verbos mas, além de afirmar que, se essa combinação é significativa, então é uma combinação apropriada, ele nada diz sobre quais seriam as regras que regeriam essas combinações. Existiriam leis que mostrariam claramente quais Idéias podem combinar-se e quais não? É natural pensar, em se tratando da significação da linguagem, que tais regras seriam as prescritas pela gramática da língua grega. Mas vimos que Platão chega aos seus resultados pelo estudo, não da gramática, mas do significado dos grandes gêneros metafísicos, tais como Ser, Não-Ser, Movimento, Repouso, Outro e Mesmo. É a rede de relações que esses gêneros formam que explicita as possibilidades do discurso significativo. Ou seja, as regras de associação dos gêneros supremos são como que as leis lógicas (necessárias) que espelham (imitam) a estrutura do mundo e, portanto, garantem, por meio do seu conhecimento, que o homem entenda o universo em que vive (RIBEIRO, 2006, p. 125).

A verdade: discurso verdadeiro e discurso falso

A linguagem em Platão – e sua relação com a realidade - é tema de divergência. Existem autores que defendem que a linguagem tem pouca⁴ ou nenhuma⁵ importância na busca pelo conhecimento, e outros⁶ que se alinham mais a nossa perspectiva por afirmarem que a linguagem tem um papel de mediação imprescindível. Segundo Giovanni Casertano (2010, p. 136-137), enquanto para Protágoras não existe discurso falso, Platão busca ancorar a verdade em referências objetivas externas ao sujeito falante. A partir do pressuposto de que um discurso sobre o não-ser é diferente de algo que não existe, Platão quer provar que um discurso verdadeiro é o que diz as coisas que são como objetivamente são e, ao mesmo tempo, que existe um discurso falso que diz as coisas que são como objetivamente não são. Entretanto, para ambos, dizer as coisas que não são como não são é um discurso verdadeiro. Logo, o foco está na ação do dizer, pois é o discurso quem identifica a qualidade de ser verdadeiro ou falso. Platão ilustra isso em duas passagens: no *Crátilo* (385a-b), a linguagem é sabotada ao chamar uma mesma coisa de “homem” em público e “cavalo” em privado; e no *Teeteto* (190c), ao citar o erro de chamar um boi de cavalo e vice-versa, confundindo a si e aos outros. O intuito do argumento é provar a distinção dos discursos verdadeiro e falso. Se alguém chama ‘homem’ em público e ‘cavalo’ em privado, o discurso se contradiz ao relatar as coisas que são como não são. Se para Protágoras a validade de todo discurso se sustenta

⁴ MCKENZIE, M.M., 1986

⁵ REEVE, C.D.C., 1998

⁶ ADEMOLLO, F., 2011

a partir da perspectiva do falante, Platão é contra ao afirmar que a verdade não depende do sujeito, mas da realidade objetiva. Assim, um discurso só é verdadeiro quando corresponde ao que as coisas realmente são, razão pela qual seria absurdo confundir um cavalo com um boi, ainda que o discurso retórico tente sustentar o contrário

O êxito da filosofia de Platão depende da verdade: primeiro critério para uma possível e bem-sucedida enunciação das ideias dentro da linguagem e dos discursos. Mas onde encontra-la?! A verdade é atributo dos deuses e não dos homens, por isso Platão não oferece uma definição explícita. Aos homens, contudo, resta filosofar, isto é, amar a verdade. No corpus platônico, ela aparece por certas características — necessidade lógica, irrefutabilidade, universalidade e até a sua “incomodidade” — sem que se diga literalmente o que é. A mais relevante é sua oposição à falsidade: é essa tensão que permite a Platão distinguir discursos verdadeiros e falsos, encarnados nas figuras do filósofo e do sofista. Assim, ainda que a verdade não seja definida, ela se manifesta no discurso verdadeiro, único instrumento capaz de expressá-la. No espaço dialético, em que opiniões se confrontam e se refutam, mas também podem convergir, encontra-se a possibilidade de acesso à essência da verdade (CASERTANO, 2010, p. 12-14). Platão ilustra a intensidade do amor pela verdade comparando-o à mordida de uma víbora (*Smp.* 217e-218a): a dor física serve de analogia para a força com que a verdade atinge a alma. Essa atividade analógico-discursiva mostra como dimensões aparentemente distintas — sensível e inteligível — podem ser aproximadas por semelhanças estabelecidas no *logos*. Nossa tese é que as analogias com animais constituem uma escala especial dessa mediação: quanto mais verossímil o discurso, mais próximo das ideias. Para Platão, o *logos* é o recurso basilar da filosofia (*Sph.* 260a), pois o próprio pensar é um diálogo silencioso da alma consigo mesma (*Tht.* 189e-190a; *Sph.* 263e). Assim, a investigação dialética, conduzida pela pergunta “o que é?”, possibilita que as soluções — e até mesmo as ideias — sejam referenciadas no discurso.

No *Crátilo*, Platão examina a origem da linguagem entre convencionalismo dos sofistas e naturalismo de Parmênides. Como observa Casertano (2010, p.138), embora opostas, ambas as teses resultam iguais: (a) nenhum nome é mal atribuído, logo todos seriam verdadeiros; e (b) não haveria discurso falso. Platão, porém, busca deslocar o problema da correção dos nomes — central entre sofistas — para a questão da verdade, mostrando que ela não reside nos nomes isolados, mas no discurso, único instrumento realmente cognitivo, em contraste com a inspiração poética. É ao discurso, e não ao nome, que se

atribuem as propriedades de verdade ou falsidade. Platão conclui que o conhecimento não se alcança pelo exame dos nomes, mas das próprias coisas (*Cra.* 439b). O problema da verdade não se resolve indagando quem instituiu os primeiros nomes — homens, deuses ou semideuses — nem se foram bem atribuídos. O exemplo homérico da ave chamada *khalkis* pelos deuses e *kymindis* pelos homens (*Cra.* 392a) ilustra que a verdade não depende da nomeação, mas da realidade à qual o discurso remete. Por isso, a investigação deve buscar ‘fora’ dos nomes os critérios que permitam distinguir discursos falsos e verdadeiros, isto é, aqueles evidentemente capazes de revelar a verdade das coisas que são (CASERTANO, 2010, p.145 et seq.). Platão defende que o nome, sendo a menor parte do discurso, participa de suas propriedades: pode ser verdadeiro ou falso, conforme o uso que se faz dele. Nomear é uma ação e, assim, exige um instrumento adequado — o nome — que, caso seja bem aplicado, permite ensinar e distinguir a essência daquilo que designa (*Cra.* 388a-c). Daí a analogia da natureza: o filhote deve receber o nome correspondente ao gênero a que pertence. Assim, chama-se de leão o filhote de leão e de cavalo o filhote de cavalo, não em casos monstruosos. Se, contra a natureza, um cavalo gerasse um filho de touro, ele não deveria ser chamado de potro, mas de bezerro; igualmente, não pode ser chamado homem aquilo que nasce sem as características humanas. A regra vale igualmente para árvores e todos os seres (*Cra.* 393c-394e).

Para Platão, a verdade dos nomes está contida naquela coisa a qual ela nomeia, e não o contrário. O nome do animal exprime sua essência, captada de fora e comprimida na palavra, como no caso em que o filhote recebe a designação correspondente ao gênero do qual procede. Mas se de um cavalo nascesse um touro, não poderia ser chamado potro, pois não participa da natureza equina. É possível conhecer o que é um cavalo ou suas características sem recorrer ao termo que o designa. “Cavalos de potência” dos carros modernos demonstra bem esse ponto: não é o som ou imagem da palavra que fundamenta o uso, mas a ideia de força motriz que traz consigo. Por isso, Platão recusa a possibilidade de chamar “homem” em público e “cavalo” em privado: a verdade do discurso não depende simplesmente dos nomes que o compõem, mas do exercício do dizer. O nome só é verossímil quando participa da verdade do discurso. Para ilustrar, Platão recorre à analogia gestual: se quisermos indicar algo pesado ou leve, levantamos as mãos, imitando a própria natureza da coisa. Assim, o nome aparece como uma imitação vocal, que aponta a realidade ao reproduzi-la pela voz. Porém, a tese mostra

seus limites: bastasse apenas imitar sons, teríamos de admitir que balir como ovelhas ou cantar como galos seria o mesmo que nomear as coisas imitadas (*Cra.* 423a-d).

Platão distingue nome e a coisa nomeada. Uma vez reconhecida essa diferença, a verdade não pode residir no nome em si, mas na relação que ele estabelece com a realidade. O nome é apenas um ato imitativo, assim como uma pintura ou uma escultura: pode ser correto ou incorreto na medida em que imita bem ou mal, mas não carrega em si a marca da verdade ou da falsidade. Essa qualificação pertence unicamente ao discurso, entendido como a imagem verbal que articula nomes em proposições. É o discurso que pode ser verdadeiro ou falso, porque tem a capacidade de exprimir algo, de se referir ao real sem duplicá-lo. Seu modo de ser é referencial, não substancial. Assim, a verdade não se encontra nos elementos isolados da linguagem, mas na ação de referir-se às coisas. Surge então a questão crucial: quando um discurso é verdadeiro? A resposta de Platão indica que tanto o nome quanto o discurso só podem ser classificados como corretos e verdadeiros quando indicam algo singular, isto é, quando correspondem de forma adequada àquilo de que falam (*Cra.* 430a–431b; 408c).

Esta ideia-base passa por várias definições: é uma ideia transposta nas letras e nas sílabas; é o significar a coisa mesma; o tornar predominante a essência da coisa mostrada pelo nome; o conseguir esclarecer qual é em si cada ente; o conseguir imitar a *ousia* (ὄυσία) de cada coisa, conseguindo assim mostrar de cada coisa aquilo que ela é, a partir do momento em que cada coisa tem uma essência/realidade sua; o indicar a coisa tal como ela é; o reproduzir com sílabas e letras a essência das coisas, ou o signo das coisas (CASERTANO, 2010, p.151).

Platão recorre à analogia com o deus Pan para demonstrar a natureza híbrida do discurso. Pan, uma figura mítica metade divino e metade animal, simboliza a duplicidade da linguagem: o discurso pode ser ao mesmo tempo verdadeiro e falso. A dimensão verdadeira é representada pela parte superior, lisa e divina, voltada para os deuses, enquanto a dimensão falsa corresponde à parte inferior, rude e caprina, próxima à condição humana e à imperfeição da multidão. Essa duplicidade não é um defeito, mas a marca constitutiva da linguagem: ela é movimento contínuo (*aei polôn*), capaz de exprimir todas as coisas (*pan*), mesmo que jamais de forma absolutamente pura. Por isso, Platão associa Pan a Hermes, deus da comunicação e mensageiro dos deuses, fazendo do discurso o ‘filho’ dessa linhagem, com as mesmas características ambivalentes. A imagem mostra que, para Platão, o discurso é inseparável da tensão

entre verdade e falsidade, e sua função cognitiva não pode ser pensada sem essa oscilação estrutural (*Cra.* 408c–d). Platão utiliza essas analogias para mostrar que o discurso é ambíguo: pode ser verdadeiro ou falso conforme a referência que estabelece. Quando se refere à parte superior de Pan, diz o que é, sendo divino, liso e verdadeiro; caso se refira à parte inferior, diz o que não é, tornando-se rude, áspero e falso. A distinção depende da ação do discurso: apenas ao se referir corretamente à *ousia* das coisas que ele adquire a qualidade de verdadeiro; caso contrário, é falso. Assim, a verdade não é inerente ao discurso isolado, mas emerge do uso que faz a realidade das coisas e expressa sua essência.

Platão considera inútil a investigação da verdade isolada pelos nomes, pois sua origem — divina, humana ou poética — está oculta pelo tempo. Porém, é possível desenvolver uma ciência do discurso, examinando tecnicamente a adequação e eficácia dos nomes. O julgamento sobre a bondade dos nomes não cabe a quem os instituiu, e sim ao dialético que os usa, assim como o tecelão avalia mais a lançadeira do que o carpinteiro que a construiu. Competência subentendida como exclusiva do filósofo, que busca aproximar-se das ideias o máximo possível ao dizer objetivamente o que é e o que não é, ao evitar confundir ‘homem’ com ‘cavalo’ ou ‘boi’. Portanto, o discurso é instrumento único, distinto das coisas que designa, mas capaz de refletir sobre elas. Nesse ponto, Platão a figura do dialético converge com a dos sofistas, como Górgias, quanto à consciência da função do discurso, ainda que sua finalidade seja distinta, isto é, epistemológica e dialética (CASERTANO, 2010, p.149).

O *Crátilo*, como *Parmênides* e *Sofista*, analisa a linguagem em relação à realidade. Isto significa que este recorrer à *ousia* das coisas que deve ser reproduzida nos nomes e nos discursos indica duas coisas: primeiro que, estabelecendo que o nome não é a coisa, Platão reconhece que a linguagem é o único nível em que se pode encontrar a verdade, pois a verdade das coisas não pode residir nas coisas mesmas, mas sim no discurso que nós construímos sobre as coisas; e segundo que, ele nega que a verdade possa residir simplesmente nos nomes. O critério de verdade das coisas, exatamente enquanto critério, não pode residir nas coisas mesmas, mas deve estar no seu exterior e, em outras palavras, ele é o discurso que nós construímos. Não o nome, mas o discurso, porque é ele quem significa de fato as coisas. O nome só é significativo enquanto participa do discurso que lhe confere significado. Se o discurso diz a verdade, então o nome está sendo usado corretamente e, portanto, também diz a verdade. Dizer a verdade - em

termos de sinônimos da verdade das coisas - nada mais é que mostrar, indicar a ideia, a essência, o signo, aquilo que a coisa realmente é. Esta sim é uma ciência do uso da linguagem e dos nomes, capaz de tornar os homens mais apropriados a alcançar a verdade, ao contrário da ciência da origem da linguagem e dos nomes que é proibida ao saber dos seres humanos. Uma tarefa realística do dialético, como foi visto, porque ele é o único capaz de julgar a correção da linguagem e dos nomes, isto é, do discurso. (CASERTANO, 2010, p. 151). Como observa Casertano (2010, p. 151), o filósofo é o juiz da correção e da verdade da linguagem e dos nomes, capaz de discursar corretamente e indicar a *ousia* das coisas. Diferente dos sofistas, apenas quem ama a sapiência e a verdade consegue usar o nome verdadeiro dentro do discurso verdadeiro, revelando a essência das coisas. Assim, não se pode chamar ‘homem’ em público e ‘cavalo’ em privado, pois os nomes deixariam de indicar a realidade. Na analogia de Pan, é o filósofo quem distingue a parte superior, divina e verdadeira, da parte inferior, rude e falsa, sem confundir a si ou aos outros.

As analogias, por seu caráter imagético, exemplificam e reforçam os argumentos, tornando a filosofia platônica eficaz. O nome é imagem da coisa (*Cra.* 431d) e ato imitativo (423b), por isso não carrega verdade ou falsidade inerentemente; imagem e nome diferem da realidade que representam. Se todos os nomes fossem idênticos às coisas, seria impossível distinguir o que é nome e o que é coisa (432c-d). Portanto, a analogia não pode ser igual ao designado. Dizer “o ferro é duro como ferro” não informa nem produz conhecimento. Há uma dinâmica entre semelhança e diferença que confere valor ao discurso, mesmo quando imaterial. Quando se diz “de alguma forma” significa que não se aplica de forma exata, mas de modo aproximado, pois as analogias de Platão e os discursos sobre os quais ele está falando se pretendem verossímeis e dizem respeito, primeiro, à semelhança com a verdade e, segundo, que não podem nem devem ser iguais à verdade (BERNARDO, 2004, p. 27-28). Para Casertano (2010, p.152-153), o nome não pode ser imagem perfeita da coisa. Isso a duplicaria sem transmitir sua verdade ou essência. Assim como o nome, o discurso se distingue da realidade que representa: sua função é mostrar o signo e a *ousia* da coisa. Há uma inerência entre nome e coisa, mas não material ou imediata; o nome remete sempre a um significado construído, e é essa relação que fundamenta a eficácia da linguagem e da comunicação.

Embora o discurso formado pelos nomes não contenha verdade em si, ele permite a comunicação e inaugura a pesquisa conjunta, isto é, o diálogo. Isso desloca a investigação da verdade do plano puramente nominalista para a prática comunicativa. Os nomes funcionam como instrumentos da comunicação, e a convenção surge do uso entre falantes, não do nomoteta nem do arbítrio individual. Por isso, o dialético busca continuamente maior correção dos nomes no discurso, no esforço de que o que seja dito esteja relacionado de modo justo com a realidade. Não conhecemos a verdade em si, mas podemos produzir discursos verdadeiros, que dizem as coisas como realmente são, estabelecendo uma relação satisfatória entre linguagem e mundo (CASERTANO, 2010, p.153). Com efeito, Platão busca uma relação justa entre discurso e falante que reflita a tentativa de aproximar ideias inteligíveis e realidade sensível. As analogias nos discursos facilitam a visualização dessa relação: assim como uma mulher bela difere do belo em si, um cavalo difere de um boi, tornando evidente que não se deve confundir as coisas. Elas esclarecem como a ideia se relaciona com a *ousia*, seja por participação, imitação, semelhança ou dessemelhança, contribuindo para a construção de discursos verdadeiros ou falsos, verificados pelo diálogo dialético. O dialético combate a máxima de que todo discurso é verdadeiro do ponto de vista de quem fala, pois isso não assegura justiça entre falante e mundo. Assim, Platão busca corrigir nomes e linguagem em contraste com os sofistas, usando a comunicação dialética como ferramenta sensível para provar a existência das ideias, sua aparição nos discursos verdadeiros, e a possibilidade de aproximar a alma imortal o máximo possível delas.

Os animais de Platão

A linguagem é o campo em que os animais aparecem como argumentos de Platão para sustentar a filosofia, especialmente a imortalidade da alma, a existência das ideias e a teoria do relembrar. Embora o Crátilo dedique-se inteiramente a essa discussão, ela excede o escopo deste trabalho. Nossa premissa central é que a linguagem sensível traduz conteúdos metafísicos inteligíveis: o discurso é verdadeiro quando corresponde ao conteúdo inteligível a que se refere. Os animais funcionam como recurso que torna compreensível a relação proporcional entre reminiscência e ideias platônicas. As fábulas de Esopo podem ser referência para Platão⁷, citadas em *Alcibiades I* (123a) e no *Fédon*

⁷ cf. BELL, J.; NAAS, M., 2015, p. 4

(*Phd.* 61b). Fábulas são narrativas alegóricas com animais, divididas em narrativa e moralidade: a primeira constrói imagens sensíveis e dinâmicas; a segunda transmite conceitos ou noções gerais, falando a verdade aos homens (NASSETTI, 2006, p. 207). Nas analogias de Platão, a narrativa provoca a lembrança das ideias pela alma imortal, enquanto a moralidade revela ontologicamente o saber, mostrando que o corpo figurativo da ação da linguagem — analogias com animais — desperta o conhecimento.

as características dos animais e a sua humanização, enquanto códigos de língua, obedeceram a um processo equivalente e registável em todas as culturas escritas, ao longo de vários períodos. De tal forma que é possível fazer-se um paralelo imediato com a imagética de determinados animais entre diferentes culturas, mas com faunas e sistemas sociais equivalentes. Além disso, mesmo quando se verifica uma diferença substancial das faunas regionais das culturas em paralelo, é possível encontrar as mesmas características humanas simbolizadas por diferentes animais. A isso se deverá o pré-conceito que o senso-comum aplica à observação comportamental dos animais, ao partir de características humanas para definições zoológicas. Ou seja, o homem tendencialmente humaniza o comportamento animal, julgando em função das concepções e natureza próprias do ser humano. (FERREIRA, 2014, p. 32)

No *Fédon*, questiona-se o significado de ‘igual’ em busca do ‘igual em si’ (αὐτὸ τὸ ἴσον). A resposta imediata seria objetos sensíveis iguais, como dois gravetos do mesmo comprimento. Porém, a percepção humana é falível: um graveto pode parecer igual a outro e diferente de um terceiro (*Phd.* 74a-b). O mesmo se aplica a qualidades como grande/pequeno ou leve/pesado (*R.* 479a-b). Sabemos usar conceitos como igualdade, mas nenhum objeto sensível os ilustra perfeitamente, mostrando que a concepção deve provir de algo além do mundo sensível (CASERTANO, 2016, p.21). É para resolver o problema da falibilidade sensível que Platão usa as ideias como referencial metalinguístico, para garantir o significado de conceitos e da linguagem (SOUZA, 2006, p.1). As ideias são capazes de explicar os conceitos sem exemplificar o oposto, porque são apreendidas pela alma, e não pelos sentidos. Portanto, para defender a existência das ideias e a possibilidade de se aproximar delas pela dialética da alma que é imortal, Platão recorre à linguagem e, especialmente, às analogias com os animais, estabelecendo a ponte entre as ideias e a lembrança na alma. As analogias com animais têm papel sutil e central na teoria da imortalidade da alma, nas ideias e na reminiscência, funcionando como pontos referenciais da filosofia platônica: ontológicos, por fundamentarem a existência; gnosiológicos e epistemológicos, por

tratar da origem e limites do conhecimento; éticos, por orientar a conduta; e políticos, por visar o bem da *pólis* e de seus cidadãos.

Analogia e matemática platônicas

Em Platão, a matemática tem papel decisivo por fornecer um modelo de raciocínio filosófico e explicar a natureza de forma original, sem recorrer à linguagem ordinária. Ela representa a marca do inteligível no mundo sensível e fundamenta o uso de analogias, permitindo revelar simetria e imutabilidade nas coisas percebidas não pelos sentidos e sim pelo intelecto (BRISSON, 2010, p.42). Esse princípio matemático traduz a síntese ontológica no discurso, e o confronto dialético na alma desperta a lembrança da *ousia* contemplada antes da encarnação, reconhecendo-a em cavalo ou em qualquer outra coisa. Investigando “analogia” enquanto “proporção”, percebe-se seu sentido no corpo platônico e o motivo de seus usos. Normalmente remete ao traço em comum entre duas ou mais coisas. Etimologicamente, significa uma identidade de relações entre dois ou mais pares, como na proporção matemática $a/b = c/d$, contínua se os termos médios são iguais, descontínua caso sejam desiguais. Isso quer dizer que o primeiro termo *a* se relaciona com o segundo *b* do mesmo modo que o terceiro *c* se relaciona com o quarto *d* numa proporção denominada de proporção geométrica. Optamos pela abordagem descontínua por entender ela tem um papel fundamental em Platão⁸, segundo a proposta deste trabalho o qual a analogia fundamenta, apesar de haver divergentes interpretações⁹.

Fernando Rey Puente (2018, p. 266) diz que Platão, embora não fosse matemático no sentido estrito, foi o primeiro a fundamentar o conhecimento matemático em bases filosóficas. Segundo Maura Iglésias (2009, p. 100), a analogia se encontra no âmago da filosofia platônica, permitindo tratar ideias e reminiscência: ao estabelecer igualdade

⁸ Podemos verificar provas que Platão conhecia Arquitas de Tarento (440 a.C. - 360 a.C.), seu contemporâneo e pitagórico criador desse conceito de analogia (*Carta VII*. 338c-350a), tanto quanto o conceito de analogia geométrica contínua (*Ti*. 31b-32c). (FILHO, 2008, p. 64). Por extensão do raciocínio, portanto, podemos dizer que Platão não só assimilou essa teoria como também a inseriu em sua própria filosofia a exemplo do que realiza com os animais.

⁹ Brice Parain sustenta uma hipótese diametralmente oposta quando afirma que acha um erro conferir significação matemática aos usos que Platão faz a palavra analogia, tendo em vista que nos diálogos, se *logos* pode ser traduzido pelo termo relação, é apenas em função de uma teoria da linguagem enquanto sistema de relações, que aparentemente foi imposto a Platão apenas em seu último período e sem qualquer conteúdo matemático preciso. Segundo ele, as analogias que Platão faz parecem ser uma proporção onde os termos são palavras, isto é, qualidades e não quantidades. (Cf. PARAIN, Brice. *Essai sur le logos platonicien*. Paris: Gallimard, 1969, p. 162 *et. seq.*)

entre relações, possibilita conhecer o desconhecido a partir do conhecido. Rey Puente reforça que a proporção — igualdade de relações entre termos desiguais — constitui o núcleo da matemática de Platão, e sua forma intuitiva se estende à linguagem e à metáfora, permitindo relacionar termos de domínios diferentes.

A imagética animal popular, originária da tradicional metáfora ou alegoria – tão caras à literatura universal –, ascende a um período pré-histórico (...) alguns animais têm características físicas e comportamentais passíveis de serem convertidas em signos linguísticos. E esses signos enraizavam-se de tal forma na cultura, que a simples evocação da imagem do animal implicava e implica o entendimento espontâneo dessas características (vide supra ex. a cobra como insulto). Portanto, a metáfora assumiu um papel de relevo inquestionável na comunicação linguística abstracta. De resto, esta é, por excelência, a forma de comunicação usada nas relações humanas. (FERREIRA, 2014, p. 31-32).

De acordo com José Trindade Santos (2018, p. 257-258), geometria e dialética, embora metodologicamente diferentes, confluem ao buscar o ser, demonstrando que a transição entre o entendimento e o saber se realiza pela linguagem. Para Giovanni Casertano (2018, p. 178-179), a dialética não apenas fundamenta os instrumentos lógicos necessários a todos os outros conhecimentos, mas também conduz à aquisição das ideias. Rey Puente (2018, p. 272-273) destaca que a matemática em Platão não é apenas pontual como pode parecer a um leitor desatento, e sim estrutural e estruturante: a analogia/proporção, usada pelos matemáticos, é apropriada e transformada filosoficamente. A imagem, presente em todo o corpo platônico, estabelece proporção entre modelo e imitação; relações proporcionais criam analogias, permitindo descobrir termos desconhecidos ou unificar o múltiplo. Por isso, a matemática permanece subordinada à filosofia dialética. Franco Ferrari (2018, p. 225) ressalta que, além do caráter lógico, as ideias têm uma função causal eficiente e ativa, pois atuam no substrato espaço-material de modo sutil, originando os corpos fenomênicos. Por esse motivo, torna-se necessário recorrer a metáforas e analogias para descrevê-las.

Considerações finais

Neste artigo, primeiro capítulo da dissertação, procuramos demonstrar como as analogias com os animais são usadas enquanto fundamentos para defender tanto a imortalidade da alma quanto a existência e a possibilidade de relembrar as ideias. A

linguagem, ferramenta indispensável para o funcionamento da filosofia platônica e também para a consolidação da metafísica, serve de pano de fundo para a dialética entrar em cena na distinção entre discursos verdadeiros e falsos, que nada mais é senão a busca pela reminiscência ou, em outras palavras, pela máxima verdade possível nessa vida. Ainda que os animais não sejam o foco da filosofia platônica, sua presença recorrente em figuras de linguagem, especialmente as analogias, revela a função decisiva de recursos imagéticos na síntese entre razão e percepção processada pela alma imortal. Por conseguinte, essa linguagem analógica contribui diretamente para a argumentação e explicação de temas fundamentais da filosofia platônica.

As analogias com animais mostraram-se instrumentos capazes de tornar perceptível o invisível e despertar a reminiscência das ideias na alma. Ao lançar mão desse recurso, Platão interliga os níveis sensível e inteligível, levando o conhecimento do mundo das ideias ao cotidiano humano e à reflexão moral, ética, política e epistemológica. Não por acaso, Sócrates é comparado, no *Fédon*, ao cisne profético que canta belamente antes da morte (*Phd.* 83e; 85a-b), analogia que não apenas reforça a defesa contundente do mestre, mas também constitui argumento contra o relativismo dos sofistas. Essa escolha evidencia que essa linguagem, longe de ser mero ornamento literário, desempenha função estruturante no projeto filosófico platônico.

Platão, ao ressignificar a separação entre corpo e alma e entre sensível e inteligível, faz da linguagem analógica uma ferramenta para repensar limitações humanas e ontológicas, em vez de simplesmente negá-las. Através da matemática implícita na analogia com os animais, junção da dimensão inteligível manifestada no sensível, suas analogias retratam uma dialética entre ser humano e animal que fundamenta o diálogo filosófico. Trata-se de um caminho ascendente pela alma em busca da verdade e do bem, onde a reminiscência, método dialético por excelência, desempenha tarefa central. Assim, a escolha do *Fédon* não é casual: o diálogo se mostra particularmente adequado para iniciar o debate sobre os temas mais caros a Platão, revelando como as analogias com animais contribuem para a sustentação de sua filosofia.

Essa dimensão, percebida pela alma imortal no corpo mortal, permite articular uma dialética entre ser humano e animal que não apenas ilustra, mas também tensiona e amplia a reflexão sobre as relações entre sensível e inteligível. Assim, as analogias com os animais não se limitam a uma função ilustrativa, mas apontam para a possibilidade de superação daquela dialética tradicional fundamentada em conceitos delimitadores e

excludentes/includentes de supostas divisões metafísicas (cf. CORNELLI, 2018, p. 487). Desse modo, o recurso analógico assume papel estruturante no pensamento platônico, ao mesmo tempo reconhecendo limites e indicando caminhos para repensar as relações entre corpo, alma e ideias.

Referências

ADEMOLLO, F. **The Cratylus of Plato, A Commentary**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

ARISTOTELES, **A política**. [s. l.]: Nova Fronteira, 2011

BERNARDO, Gustavo. Conhecimento e metáfora. **Revista ALEA**, Rio de Janeiro, v. 6, nº 1, p. 27-42, jan/jun. 2004.

BELL, Jeremy; NAAS, Michael. **Plato's animals: gadflies, horses, swans, and other Philosophical Beasts**: Edited by Jeremy Bell and Michael Naas. Bloomington, Indiana: Indiana University Press Office of Scholarly Publishing, 2015

BENOIT, Hector. Sócrates. In: CORNELLI, Gabriele; LOPES, Rodolfo. **Platão / (eds). Platão. Coimbra Companions**. São Paulo: Paulus; Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 136-150.

BRISSON, Luc. **Vocabulário de Platão / Luc Brisson; Jean-François Pradeau**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010

CARDOSO, Delmar. **A Alma como centro do filosofar de Platão: uma leitura concêntrica do Fedro à luz da interpretação de Franco Trabattoni / Delmar Cardoso**. São Paulo, SP: Loyola, 2006.

CASERTANO, Giovanni. A reminiscência no Fédon. **Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do Pensamento Ocidental**, Brasília, nº 18, p. 17-73, set/dez. 2016.

CASERTANO, Giovanni. Dialética. In: CORNELLI, Gabriele; LOPES, Rodolfo. **Platão / coordenação de Gabriele Cornelli, Rodolfo Lopes**. São Paulo: Paulus; Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 169-185.

CASERTANO, Giovanni. **Paradigmas da verdade em Platão**. Tradução de Maria da Graça Gomes de Pina. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2010.

CORNELLI, Gabriele. **A alma-camaleão e sua plasticidade: dualismos platônicos no Fédon**. Archai: Revista de Estudos sobre as Origens do Pensamento Ocidental, Brasília, nº 16, p. 127-137, jan/abr. 2016

CORNELLI, Gabriele. A felicidade perdida: animais que falam e a ontologia da cidade platônica. In: SEBASTIANI, Breno Battistin; LEÃO, Delfim; SANO, Lucia; SOARES, Martinho; WERNER, Christian. **A poiesis da democracia**. Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p. 474-488

DEELY, John N. **Basics of semiotics / John Deely**. USA: Indiana University Press, 1990

ERLER, Michael. **Platão. / Michael Erler**. Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo: Annablume Clássica; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. (Coleção Archai: as origens do pensamento ocidental)

ESOPO. **Fábulas Esopo. Texto Integral**. Tradução de Pietro Nasseti. Editora Martin Claret – Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré – São Paulo, SP, 2006

EWEGEN, S. Montgomery. We the Bird-Catchers: Receiving the Truth in the Phaedo and the Apology / S. Montgomery Ewegen. In: BELL, Jeremy; NAAS, Michael. **Plato's animals: gadflies, horses, swans, and other Philosophical Beasts**: Edited by Jeremy Bell and Michael Naas. Bloomington, Indiana: Indiana University Press Office of Scholarly Publishing, 2015, p. 79-95

FERRARI, Franco. Teoria das ideias. In: CORNELLI, Gabriele; LOPES, Rodolfo. **Platão / coordenação de Gabriele Cornelli, Rodolfo Lopes**. São Paulo: Paulus; Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 213-228.

FERREIRA, Nelson Henrique da Silva. **Aesópica: a fábula esópica e a tradição fabular grega**. Tradução do grego e notas Nelson Henrique da Silva Ferreira. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014

FILGUEIRAS, Hugo. Alma, **Formas e sensopercepção no Fédon de Platão**. Hypnos, São Paulo, nº 28, p. 170-182, jan/jun. 2012

FILHO, Edson Peixoto de Resende. A interpretação de Pierre Aubenque dos usos filosóficos da analogia em Platão. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, nº 24, p. 59-70, out. 2008.

FRONTEROTTA, Francesco. Epistemologia. In: CORNELLI, Gabriele; LOPES, Rodolfo. **Platão / (eds). Platão. Coimbra Companions**. São Paulo: Paulus; Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 188-209

IGLÉSIAS, Maura. A relação entre sensível e inteligível: methexis ou mimesis?. In: PERINE, Marcelo. **Estudos platônicos. Sobre o ser e o parecer; o belo e o bem**. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 91-112

KIRKHAM, Richard. **Teorias da verdade**. São Leopoldo: Unisinos, 2003

LIMA, Aldo de. A metáfora: da analogia à técnica de fusão de opostos. **Investigações**, Pernambuco, v.18, nº 1, p. 9-40, jan-jun.

LOPES, Daniel Rossi Nunes. **O filósofo e o lobo: filosofia e retórica no Górgias de Platão / Daniel Rossi Nunes Lopes**. São Paulo: Campinas, 2008

MARQUES, Marcelo Pimenta. **Platão, pensador da diferença. Uma leitura do Sofista**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

MCKIRAHAN, Richard. Sofistas. In: CORNELLI, Gabriele; LOPES, Rodolfo. **Platão / coordenação de Gabriele Cornelli, Rodolfo Lopes**. São Paulo: Paulus; Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 119-133

MERIDIER, L. 'Notice du Cratyle'. In: **Platon. Ouvres Completes**, tome V, 2e partie. Paris: Edition "Les Belles Lettres", 1950.

MOORE, Holly G., "**Plato's analogical thought**". College of Liberal Arts & Social Sciences Theses and Dissertations. 7, 2009. Disponível em: https://via.library.depaul.edu/etd/7?utm_source=via.library.depaul.edu%2Fetd%2F7&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages

MORIYÓN, Félix García. Metaphors of the teaching of philosophy. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 9, nº 18, p. 345-361, jul/dez. 2013.

NAAS, Michael. American Gadfly: Plato and the Problem of Metaphor / Michael Naas. In: BELL, Jeremy; NAAS, Michael. **Plato's animals: gadflies, horses, swans, and other Philosophical Beasts**: Edited by Jeremy Bell and Michael Naas. Bloomington, Indiana: Indiana University Press Office of Scholarly Publishing, 2015, p. 43-59

NAILS, Debra. **The people of Plato: a prosopography of Plato and other Socratics** / **Debra Nails**. Hackett Publishing Company: Indiana, 2002

NATORP, Paul. **Teoria das ideias de Platão: uma introdução ao idealismo: volume I** / **Paul Natorp**. Tradução de Euclides Calloni, Saulo Krieger. São Paulo: Paulus, 2012.

NORTHWOOD, Heidi. Making music with Aesop's fables in the *Phaedo* / Heidi Northwood. In: BELL, Jeremy; NAAS, Michael. **Plato's animals: gadflies, horses, swans, and other Philosophical Beasts**: Edited by Jeremy Bell and Michael Naas. Bloomington, Indiana: Indiana University Press Office of Scholarly Publishing, 2015, p. 13-26

NUNES LOPES, Daniel Rossi. Retórica. In: CORNELLI, Gabriele; LOPES, Rodolfo. **Platão / coordenação de Gabriele Cornelli, Rodolfo Lopes**. São Paulo: Paulus; Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 383-400.

OLIVEIRA, M. A. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996, pp.17-23.

PAVIANI, Jayme. Ética e aprendizagem em Platão. **Hypnos**, São Paulo, nº 27, p. 246-259, ago/dez. 2011

PLATÃO. **A República**. Introdução, tradução Anna Lia Amaral de Almeida Prado. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014

PLATÃO. **Fédon / Platão**. Introdução, versão do grego e notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. – Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000

PLATÃO. **Fedro ou Da Beleza**. Tradução e notas de Pinharanda Gomes. 6. ed. Lisboa Guimarães Editores, 2000

PLATÃO. **Hípias Maior**. Tradução de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Coimbra: Inic, 1989

PLATÃO. **Mênnon**. Texto estabelecido e anotado por John Burnet. Tradução de Maria Iglésias. Rio de Janeiro. Editora PUC-Rio. Loyola, 2001

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010

PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Tradução do grego, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011.

REEVE, C. D. C. **Plato, Cratylus**. Indianapolis and Cambridge: Hackett, 1998.

REY PUENTE, Fernando. Matemática. In: CORNELLI, Gabriele; LOPES, Rodolfo. **Platão / coordenação de Gabriele Cornelli, Rodolfo Lopes**. São Paulo: Paulus; Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 259-275.

RIBEIRO, André António. **A filosofia da linguagem em Platão**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - RS, 2006. 143 f. Tese de Doutorado em Filosofia – Programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: < <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2895/1/345370.pdf>> Acesso em: 21 mai. 2020

SANTOS, José Trindade. A função da alma na percepção, nos diálogos platônicos. **Hypnos**, São Paulo, nº 13, p. 27-39, ago/dez. 2004

SANTOS, José Trindade. **A ontoepistemologia dos diálogos socráticos**. São Paulo, SP: Loyola, 2012. (Série Para Ler Platão, Tomo I)

SANTOS, José Trindade. Linguagem. In: CORNELLI, Gabriele; LOPES, Rodolfo. **Platão / coordenação de Gabriele Cornelli, Rodolfo Lopes**. São Paulo: Paulus; Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 153-166.

SEFOROGLU, Tonguc. Plato's Phaedo on Disagreement and Its Role in Epistemic Improvement. In: **Ancient Philosophy Today: DIALOGOI** v. 1, nº 2, p. 24-44, 2020

SILVA, Francisco de Assis Costa da. Linguagem e analogia no Timeu de Platão. **Revista da Anpoll**, Santa Catarina, v. 1, nº 32, p. 61-80, jan/jun. 2012.

SOUZA, Eliane Christina de. **Ser e linguagem em Platão**. In: SOUZA, Eliane Christina de; CRAIA, Eládio Constantino Pablo. (Org.). **Crítica e Hermenêutica**. Cascavel, Edunioeste, 2006, v. 1.

TRABATTONI, Franco. **Platão / Franco Trabattoni**. Tradução de Rineu Quinalia – São Paulo: Annablume, 2010. (Coleção Archai: as origens do pensamento ocidental, 2)